

correiio de COIMBRA

SEMANÁRIO — COIMBRA, 27 DE JANEIRO DE 1972 — N.º 2.485 — ANO L — (AVENÇA)

DIRECTOR E EDITOR — URBANO DUARTE — CHEFE DA REDACÇÃO — AUGUSTO NUNES PEREIRA — PROPRIETÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA — REDACÇÃO — BAIRRO DE S. JOSÉ, 2 — COIMBRA — TELEF. 26884
ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — GRÁFICA DE COIMBRA — TELEF. 22857

A CARIDADE INDIVIDUAL NÃO BASTA

por D. Alberto Cosme do Amaral

O cristão, na linguagem bíblica, porque membro de Cristo, «luz verdadeira que ilumina todo o homem», é filho da luz, ele mesmo é luz: «Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor». Ora, andar na luz é viver no amor: «Quem diz estar na luz e odeia o seu irmão, ainda se encontra nas trevas; quem ama o seu irmão está na luz». O cristão é luz na medida em que ama.

A sua vocação é vocação de amor; para ele, existir é amar: Amar a Deus, amar os homens. E amar é dar-se, prodigalizar-se em serviço aos irmãos, a todos os ir-

mãos, particularmente aos mais carecidos no corpo ou no espírito. Amar é comunicar o outro.

Esta é também a vocação da comunidade cristã: A Igreja é comunhão. Não basta o testemunho da caridade individual, de cada cristão, de cada sacerdote, de cada leigo, do Papa. Também a vocação da comunidade é uma vocação de amor. Há a caridade comunitária, da comunidade como tal, caridade do Povo de Deus que nasceu do vértice do amor de Cristo, do Seu Coração trespassado, e deve ser no mundo sinal esplendoroso do amor infinito do Pai.

Sempre a Igreja, através dos séculos, procurou realizar-se como comunidade de amor, alicerçada na Eucaristia, sinal e exigência de amor. Participar na Missa é abrir-se às necessidades dos irmãos. A colecta em favor dos pobres tem valor de símbolo e profecia. Significa muito mais do que é.

Assim como Cristo, enviado do Pai, veio para evangelizar os pobres e consolar os oprimidos, assim também a Igreja «Igreja da caridade», se lança aos caminhos dos homens levando no coração a chama do amor pelos desprovidos, pelos desafortunados, pelos que sofrem, pelos solitários. A Igreja faz suas

as dores e angústias, as privações e aflições dos homens; ou se edifica na caridade ou não se edifica de maneira nenhuma!

A paróquia, concretização local da Igreja, é também comunhão. Por isso deve assegurar eficazmente a circulação dos bens dentro da comunidade; bens materiais, sem dúvida, mas também espirituais: saber, experiência, iniciativa, talentos, capacidades intelectuais ou morais. Esta é a nobilíssima tarefa da Cáritas Paroquial: Ajudar a paróquia a realizar-se como comunhão, como comu-

(Continua na pág. 2)

S I N T O M A S

★ « ACUSO A IMPRENSA »

A reunião com os representantes dos órgãos de informação entrara na fase da verdade. Para trás os cumprimentos, os elogios, as palavras enveludadas. Agora, sem negar o mútuo respeito, saltou para o meio da mesa, a impressão viva, tal como nascia dentro de cada um. O convívio amigo durante horas rasgava a roupagem

cerimoniosa, para melhor se ouvir a voz da sinceridade. Para isso nos encontramos.

Neste ambiente, um médico alentejano de forte arcaço, em luta contra o cancro há 16 anos, não teme os jornalistas presentes: «Pois eu acuso a Imprensa!» Porquê? Em resumo: Para ela, o problema do cancro reduz-se a uma festa anual. Passados os dias da «campanha» com maravilhoso toque de sinos, a ques-

tão regressa ao túmulo. Como um fantasma. Não basta angariar donativos, é necessário interessar todo um povo nesta luta em que o tempo é factor decisivo. Não se contentem, por isso, os jornalistas, com a notícia fornecida. Façam reportagens, desçam ao pormenor, tornem-se íntimos do doente, dos seus perigos e esperanças, dos recursos que lhe são oferecidos sem a caça ao dinheiro. Ainda é das coberturas clínicas, esta luta anticancerosa, onde a solidariedade manda! O exemplo da província italiana de Ferrara garante a eficácia da estratégia do esclarecimento público.

A verdade é que ninguém se ofendeu com a acusação. Tomou-se até a resolução de fazer melhor.

★ SEM SUCESSORA

A mulher, como elemento activo de acção política, está a acordar da sua hibernação de séculos. Vêmo-la em conselho de ministros, na diplomacia, na magistratura nos gabinetes de estudo. No reduzido meio de Coimbra, chegou a catedrática da Universidade e, com D. Maria José Bacelar, a vereadora da Câmara Municipal.

(Continuado da pág. 8)

A PALAVRA DO PAPA

MISSIONÁRIO E POLÍTICO

Falando em 21 de Janeiro aos participantes do Capítulo Geral do Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras, o Papa afirmou:

«O trabalho missionário implica hoje novos problemas, dentro os quais se salientam os do desenvolvimento dos povos e da justiça no Mundo.

«Há problemas que os missionários não podem ignorar, mas que podem levá-los a aceitar ideias e a assumir atitudes que não estão em perfeita conformidade com a natureza genuína da acção missionária.

«Permitam-nos, por conseguinte, que lhes recomendemos calorosamente que dêem prioridade à mensagem da salvação.

«A integração de missionários na comunidade humana para que são enviados, a sua contribuição para o desenvolvimento integral dos indivíduos e dos povos, a sua abertura sincera e inteligente ao diálogo com as religiões não-cristãs, a sua colaboração e espírito ecuménicos — tudo deve ser visto no serviço da evangelização, que nunca se deve tornar uma simples actividade sociológica ou cultural.

«A ambição do missionário

deve ser servir a Igreja e não substituí-la.

«Como enviado da Igreja, abster-se-á de se envolver em actividades políticas, o que é muitas vezes apenas a consequência, embora inconsciente, da vontade de fugir às responsabilidades missionárias genuínas, e dá quase sempre origem a divisões das novas Igrejas.

«Os missionários devem cooperar cada vez mais intimamente com as Igrejas locais, fortalecendo os laços vitais com os bispos, os sacerdotes e os fiéis dessas Igrejas.»

NOVA CARTA DO DR. ALBERTO VILAÇA

Coimbra, 15-1-72.

Sr. Cónego Urbano Duarte: Tenho presente o último número do «Correio de Coimbra», de 13-1-72, no qual se publicam as minhas anteriores cartas dirigidas a V.ª Ex.ª e a Mário Braga.

Dispensar-me de apreciar em pormenor os comentários de V.ª Ex.ª (como aliás seria fácil) ou a sua confessada e ostensiva supressão de duas frases da carta dirigida a Mário Braga (apenas porque, embora não consentida, não chega a comprometer o sentido essencial da aludida carta no que publicamente mais interessa).

Com efeito, não serei eu a por tal forma alimentar desmedidamente uma nova polémica que — como a já travada entre V.ª Ex.ª e o autor de «Fátima Desmascarada», em que mais se discutiu o autor que a obra — só seria útil a quem tem interesse em fazer esquecer esta última e passar a segundo plano o que nela há que, com os seus méritos e deméritos, põe Fátima em cheque.

Entretanto, se não duvido que a V.ª Ex.ª e aos leitores do «Correio de Coimbra» não interessa o que a respeito de Fátima penso ou deixo de pensar, tenha V.ª Ex.ª a certeza que também nunca estive interessado em fazer-lhes saber não só o que penso sobre Fátima como sobre «Fátima Desmascarada» e as

tentativas de negociar a sua não publicação.

Só que, invocado o meu nome a propósito destas últimas, não posso consentir que de algum modo sirva isso a desviar as atenções do próprio livro e assim a indirectamente resguardar Fátima — quer nas suas implicações especificamente religiosas (que, nem em público nem em privado, nunca me interessaram), quer, por toda a sua história, como fenómeno sociológico politicamente relevante e implantado em ambiência de subdesenvolvimento económico e cultural (que só nestes quatro planos, pois, poderá ter equação e solução correctas).

Não consinto, seja com opa ou sem opa! — para usar as palavras de V.ª Ex.ª, que por elas permite avaliar da exacta medida do seu afirmado repúdio pela piada fácil.

Por tudo isto não podem pois deixar de ficar esclarecidos e definitivamente fixados dois factos fundamentais.

1.º) Na publicação feita pelo «Correio de Coimbra» lê-se a seguinte passagem como sendo da carta que enderecei a Mário Braga: «...coloca-me Você na desagradável posição de ver o meu nome publicamente misturado às tristes histórias de «Fátima desmascarada»

(Continua na pág. 3)

Encontro do Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa contra o Cancro e os responsáveis dos órgãos de informação

No dia 20, apurados os resultados do peditório de 1971, o Núcleo Regional da Liga propiciou um encontro entre os seus dirigentes e os órgãos de informação de Coimbra. Tinha como fim agradecer a colaboração recebida, desde as autoridades aos mais humildes contribuintes; fornecer números (na região Centro: 680.287\$00; no distrito de Coimbra: 253.747\$00) e também dar e receber sugestões para que a obra se amplie. Neste sentido, falou o Secretário Dr. Rocha Alves, acentuando o notável incremento registado em todos os distritos.

O encontro teve como ambiente um jantar oferecido na Quinta do Eirado, em Taveiro, pelo presidente da Liga, Dr. Álvaro Barbosa Ribeiro, inultrapassável na gentileza com que a todos acolheu e no propósito de bem servir desinteressadamente, de que são bem expressivas as palavras que pronunciou: **Aqui todos trabalhámos, indubitavelmente, a bem do interesse de todos. O auxílio aos cancerosos é uma empresa rentável que, tendo por fim o lucro da felicidade alheia, dá aos operários que somos, o salário justo do sentimento de dever cumprido. Temos razões fortes para continuar. Há sofrimento de um lado e amor do outro.**

Do Instituto de Oncologia, es-

(Continua na pág. 8)

(Continuação da pág. 1)

NOVA CARTA DO DR. ALBERTO VILAÇA

— com que nada tenho a ver, nem quero ter».

Ora, o que eu escrevi e consta da cópia enviada a V.ª Ex.ª é o seguinte e constitui passo decisivo de todas as minhas cartas: «...coloca-me Você na desagradável posição de ver o meu nome publicamente misturado às tristes histórias de Fátima e de «Fátima desmascarada» — com que nada tenho a ver, nem quero ter» (sublinhadas agora as palavras na publicação suprimidas).

2.º) Diz V.ª Ex.ª nos comentários à primeira das cartas que lhe dirigi (e é exacto) que na separata da polémica substituiu o meu nome e o do Prof. Sílvio de Lima pelas letras «F. e F.».

Mas o que não diz é que em nota de fundo de página acrescentou: «os nomes citados no «Correio de Coimbra» de 16-12-71 são omitidos neste opúsculo para evitar melindres» (como pude averiguar já após a minha última carta, pois só em 8 do corrente a separata surgiu à venda nas livrarias e lhe tive acesso).

O que não diz é que, por essa forma, se agudizava a curiosidade dos leitores da separata e se lhes apontava onde podiam ser conhecidos os nomes em questão, através de qualquer biblioteca, mas não se lhes apontava (ainda que pela mesma forma indirecta) a existência e como conhecer o teor da minha reacção — o que eu reputava «indispensável» se o meu nome voltasse «de algum modo» a ser referido.

O que não diz é que, não obstante o que fica evidenciado e mesmo depois da minha nova reacção e da sua publicação no «Correio de Coimbra», a separata continua a circular nos mesmos termos.

Fará ou não V.ª Ex.ª os comentários que entender. Por mim, deixo-os à inteligência dos leitores.

Não fosse a inalienável necessidade de esclarecer estes factos (o que faço com a mesma estima e serenidade de V.ª Ex.ª) e não voltaria eu a ocupar o espaço do seu jornal, na certeza porém de que, com a publicação desta carta no próximo número, que de acordo com a lei reivindicativo, não mais voltarei ao assunto, assim ficando também V.ª Ex.ª descansado, pelo que me subscrevo

Atentamente,

Alberto Vilaça

COMENTÁRIOS

1— Não há vontade de nova polémica. Ambos de acordo. Não sei que raça de temperamento os velhos portugueses nos legaram: a espada brilha mais que a caneta! E se não houver cautela, em breve a caneta se transforma em espada de mata mouros. Terá acontecido assim com a polémica sobre «Fátima desmascara-

da»? Por mim não creio, e alguns testemunhos insuspeitos me confirmaram nesta convicção.

O Dr. Alberto Vilaça, porém, julga que discuti mais o autor que a obra. Respondo com uma distinção: ao sr. João Ilharco, como pessoa particular, não assaquei defeitos; ao autor do livro — de verdade histórica e científica — atribuí, como tinha que ser, os defeitos da sua obra. O homem está no que faz e por tal responde.

Ora um autor que anuncia trazer a público toda a verdade histórica sobre a mistificação de Fátima, mas baseia o seu livro na historieta da imagem colocada matreiramente pelos padres no meio da carrasqueira, enquanto um deles com voz «fininha» fingiu de Nossa Senhora a falar — que méritos fundamentais terei obrigação de reconhecer a tal escritor que, apesar desta charlatanice básica, se considera senhor e transmissor da «verdade histórica acerca de Fátima documentada com provas»?

Isto tem um nome: desonestidade intelectual. Pessoas cultas não se aninham, em tal barca, porque repugnam ao seu espírito objectivo balelas de pura fantasia. E se João Ilharco dentro destes moldes principia, dentro deles se alonga e conclui. Se discuti o autor foi só na medida em que sobre ele refluía a análise que fiz da sua obra.

Nunca o Dr. Alberto Vilaça diante dum quadro péssimo seria capaz de exclamar: bom pintor!

2 — Para o Dr. Alberto Vilaça os motivos para não prolongar a polémica estão no perigo de fazer esquecer a obra «Fátima desmascarada» e no perigo de passar a segundo plano o que nela há que põe Fátima em cheque.

Donde se infere que o seu interesse está com «Fátima desmascarada» e com o que nela há que põe Fátima em cheque. Apesar de nos garantir que não queria o seu «nome publicamente misturado às tristes histórias de Fátima e de «Fátima desmascarada»», ei-lo que não resiste e vem misturar-se por seu próprio pé, sem convite e até com resistência minha, quer às histórias de Fátima quer às histórias de «Fátima desmascarada»: de Fátima porque formula juízo de valor, pespegando-lhe o rótulo de tristes histórias — ele lá sabe porquê; de «Fátima desmascarada», porque repudiou a negociata (que nada tinha a ver com a história de Fátima, fosse ela triste ou alegre) e porque agora vem advogar o primeiro plano para a obra... Claro que se eu quisesse ser coerente e justo (ele afirma-

ra: essas questões não me interessam; e eu: também aos meus leitores nada interessa o que o Dr. Alberto Vilaça sobre isso pense...) teria eliminado estas passagens propagandísticas que nada acrescentaram à justificação da sua impoluta dignidade e que mostram que o seu desinteresse por Fátima não é assim tão grande como diz!

Mas, porque amo a liberdade da imprensa, aqui deixo real testemunho.

3 — Que o facto de o Dr. Alberto Vilaça aparecer a repudiar as tentativas de negociar a não publicação de «Fátima desmascarada» traga consigo, de algum modo, o resguardo de Fátima — é presunção a mais. Talvez que esta abundância de presunção seja para compensar a falta de água benta!... É esta presunção da importância do seu nome que está, de resto, na base da sua insólita atitude de quem cai na pura impertinência. Eu já lhe disse que nunca me passou pela cabeça utilizar o seu nome para «resguardar Fátima». Por muitas razões e até porque, desculpe-me a franqueza, ninguém lhe reconhece especial competência para investigar tais problemas.

O próprio Mário Braga, se referiu o seu nome, foi só no repúdio de uma feia acção. Terá o nome do Dr. Alberto Vilaça atingido tal celebridade que, só por si, possa resguardar Fátima?

Se, apesar de tudo, o Dr. A. Vilaça continuar crente de que a sua celebridade poderia constituir um argumento apologetico a favor de Fátima e se isso o faz feliz, então nada mais me resta do que dizer-lhe que se fique na sua. Eu sou dos que reconhecemos a todo o homem também o direito às suas ilusões!

Seja como for, por mim não acho motivo justificativo destes ares de leão a quem imprudentemente despertaram e que parece convencido de que faz tremer toda a cristandade.

O trecho de Mário Braga, a respeito de A. Vilaça, era frouxo. Forte e formal foi o repúdio assinado pelo próprio Dr. Alberto Vilaça e publicado nas colunas do «Correio de Coimbra». A primeira referência era indirecta e diluída. Tinha, porém, o mérito de não arrastar A. Vilaça para terrenos que ele não desejava pisar. Se agora os pisou («nas suas implicações especialmente religiosas») foi por sua exclusiva vontade. Daqui ninguém pretendeu enfiar-lhe a onça, isto é, enfileirá-lo no sector religioso. Para quê, então, investir contra ela, dessa maneira?

Que em Fátima se mostrem aspectos sociológicos

da religião tradicional dos portugueses — é verdade; que politicamente, não falte quem dela tente servir-se — também concedo. Mas que o fenómeno — Fátima tenha equação e solução correctas, só nos planos do sociológico, do político, do subdesenvolvimento económico e cultural — é hipótese não provada. Se há espíritos aos quais isso baste, há outros, muitos outros, não menos inteligentes que o Dr. Vilaça, para quem o problema religioso e as suas manifestações estão mais em função da própria natureza do homem que em função do económico, encontrando-se este desenvolvido ou subdesenvolvido. Assim formulada, a hipótese não sai da zona do dogmatismo — tão aberrante hoje ao homem culto.

4 — E vamos «aos dois factos fundamentais».

1.º) Tem o Dr. Alberto Vilaça muita razão. Sem a mínima intenção, por simples gralha tipográfica que eu distraidamente na revisão não enxotei, aconteceu ficarem de fora as palavras sublinhadas: «de Fátima e». A passagem da carta endereçada a Mário Braga é: «...coloca-me Você na desagradável posição de ver o meu nome publicamente misturado às tristes histórias de Fátima e de «Fátima desmascarada» — com que nada tenho a ver, nem quero ter».

E não como saiu publicada: «...coloca-me Você na de-

sagradável posição de ver o meu nome publicamente misturado às tristes histórias de «Fátima desmascarada» — com que nada tenho a ver, nem quero ter».

Repare-se na proximidade dos dois termos «Fátima», e logo se compreenderá o salto involuntário do compositor. Por minha parte, pura distração. Tanto mais que não poderia actuar o mínimo motivo que levasse à supressão intencional: este pensamento encontra-se noutros períodos quer da primeira carta, quer da carta a Mário Braga.

O Dr. Alberto Vilaça confirma: «constitui passo decisivo de todas as minhas cartas». Logo ninguém poderia falsear com a supressão daqueles três elementos vocabulares, a posição do seu autor.

2.º) factos: A substituição dos nomes por «F. e F.», com a nota: «os nomes citados no «Correio de Coimbra» de 16-12-71 são omitidos neste opúsculo para evitar melindres». Uma «separata» supõe reimpressão integral. Eliminando os nomes, eu devia aos leitores uma explicação. Se houver próxima reedição nada custa acrescentar a referência aos números do «Correio de Coimbra» que publicaram o carteamto do Dr. Alberto Vilaça.

Com estes comentários também, por minha parte, encerro este apêndice de polémica, cuja razão de ser, mesmo agora, não compreendo.

Como quer que seja, aceito a sugestão do Dr. Alberto Vilaça: deixemos o caso à inteligência dos leitores.

URBANO DUARTE

ELISABETH REGINA NA R. T. P.

Isabel I de Inglaterra é, ainda hoje, uma das figuras mais discutidas da história universal, como, aliás, o é também o século em que viveu, quinhentos, século charneira das grandes revoluções europeias, o dealbar do nosso tempo. Isabel figura na história como o símbolo da ascensão britânica; depois dela a Grã-Bretanha, contra tudo e contra todos, dominou praticamente o mundo até à guerra de 14.

Depois de «As Seis Mulheres de Henrique VIII», a R.T.P. transmite *Elisabeth Regina*, continuação lógica do grande êxito que constituiu a série sobre o Tudor maior. Isabel, sua filha e de Ana Bolema, vai reviver no pequeno écran, amada e odiada, senhora do grande destino britânico que se cumpria então.

Blenda Jackson, durante toda a série, será a grande rainha. Tal como Keith Michell em Henrique VIII, ela permanecerá rainha, desde a infância até à morte, até ao final da série, até à sua mor-

te em 1603, com 69 anos. O seu trabalho em *Elisabeth Regina* valeu-lhe o prémio *The New York Critics Film Award* — e é, na verdade, uma criação extraordinária.

O produtor Roderick Graham não se poupou a esforços para dar a esta série a qualidade e a dignidade que teve «As Seis Mulheres de Henrique VIII». Cada um dos seis filmes que fazem o conjunto tem a sua equipa de realização própria. Não se perdendo a unidade essencial ganhou-se em variedade de estilo, e em pontos de vista. Qualquer coisa de misterioso e trágico se evola de biografia: — apesar de tudo e deste seu ressuscitar, Elisabeth permanece com um dos grandes mistérios da história universal.

Recauchutagem
LUSA
A melhor